



A contradição do real: uma análise exploratória sobre o movimento negro em Sorocaba-SP

Palavras-chave: movimento negro, movimentos sociais, questões raciais

Autor: Matheus Henrique Hilário dos Santos Fagundes – IFCH/Unicamp

Orientação: Luciana Ferreira Tatagiba – Depto. de Ciência Política – IFCH/Unicamp

Resumo

Esta pesquisa tem o intuito de discutir os dilemas e obstáculos que o movimento negro, em uma escala local, enfrenta para se organizar e engajar. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com lideranças do movimento negro de Sorocaba-SP, além de etnografias nos circuitos desses atores em conjunto a uma análise descritiva e exploratória do movimento no contexto entre 2019-2020, observando as redes, conquistas, perdas e desafios que os atores e organizações têm enfrentado. A justificativa do tema é a de procurar trazer para a Ciência Política um exame acerca do movimento negro na contemporaneidade, longe dos grandes centros e com um olhar de reconhecimento às contradições e dificuldades que permeiam o dia a dia desses ativistas.

Objetivos da pesquisa

Nesta pesquisa foram feitas entrevistas semiestruturadas, além de etnografias em circuitos do movimento negro em conjunto à análises descritivas e exploratórias. Com isso estruturado, os objetivos da pesquisa eram de procurar entender o engajamento do movimento negro; os atores, redes e circuitos; a formação e difusão da identidade negra e a relação da juventude negra com esse ativismo. A cidade de Sorocaba foi escolhida porque é a minha cidade natal e

Descrição da pesquisa

Esta iniciação científica foi iniciada em agosto de 2019 com financiamento do SAE-UNICAMP. A pesquisa foi realizada na cidade de Sorocaba-SP, escolhida por ser minha cidade natal e também lócus de observação desse movimento negro fora das capitais. A pesquisa é a continuação de uma IC anterior com o mesmo foco, mas diferentes entrevistados. O trabalho se insere em um projeto coletivo realizado no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Participação e Ação Coletiva da Unicamp (NEPAC), que busca pensar, na perspectiva da Ciência Política, a importância da questão racial dentro dos movimentos sociais para o debate sobre democracia e participação no Brasil, uma vez que não há uma tradição de estudos sobre raça na área.

Ao estudar o movimento negro, em geral, temos pesquisas realizadas em capitais, grandes centros ou uma discussão mais teórica e historiográfica (DOMINGUES, 2007; RIOS, 2010). O foco desta pesquisa, por sua vez, está em olhar para o movimento negro em escala local, acompanhando seus circuitos, ouvindo as vozes de quem o integra. Procuramos aqui olhar para os territórios, organizações e indivíduos observando suas potencialidades e contradições. A análise é descritiva e exploratória, com abertura aos entrevistados de compartilharem suas impressões e dilemas.

Com isso, procuro contribuir para uma análise sobre como o movimento negro atua em cidades menores, com problemas reais do dia a dia, trazendo seus obstáculos e desafios. Na verdade, acredito que o mérito desta pesquisa está em contribuir com uma visão do movimento na forma como ele é e está, especialmente no atual contexto, onde o avanço conservador, a crise econômica, a crise da representação e a crise do campo progressista afetam em muito o amplo, mas fragmentado, movimento negro. Atualmente ele está em um momento defensivo, de busca por garantir o que já foi conquistado, sem poder avançar. Tudo isso



em um contexto onde, paradoxalmente, o racismo e a luta antirracista estão na pauta pública, nacionalizada e em disputa. Procuo trazer enquanto dilemas e obstáculos a questão da **fragmentação das redes historicamente construídas**, o **desafio do engajamento em meio à luta pela sobrevivência individual**, a **difícil relação com o as instituições e os partidos**; o **dilema entre o fazer cultura e o fazer política** – em meio ao crescimento dos debates interseccionais - que levam também à um **dilema geracional**, entre antigos militantes e uma juventude que questiona as velhas noções e formas de disputar o poder. Espero que com este trabalho, a partir de uma escala local, eu possa contribuir para o entendimento do complexo movimento negro brasileiro.

Em primeiro lugar, é importante afirmar aqui que o movimento negro não é um só, mas sim vários movimentos. É a capoeira, o samba, o hip-hop, clubes, imprensa, academia, educadores, advogados, organizações sociais, esportistas entre muitos outros atores e instituições. Suas diferentes práticas estão dentro do guarda-chuva geral que seria o tal do “movimento negro”. Não se pode falar em uma única organização ou liderança enquanto sinônimo desse movimento, mas sim em diversas, que apontam uma pluralidade de práticas, noções e espaços, todos com o foco na luta antirracista (DOS PASSOS; NOGUEIRA, 2014). Em Sorocaba existem diversos atores que se identificam enquanto parte desse conjunto de movimentos negros, realizando, cada um, uma atividade diferente, mas com o intuito – direto ou indireto – de dialogar com a história negra, cultura e a política, a fim de transmitir saberes, posicionamentos, se expressar, oferecer apoios à sobrevivência individual de outros sujeitos, entre muitas outras ações. Na pesquisa anterior, cota 2018-2019, foram entrevistados indivíduos mais jovens e de outros movimentos, mas nesta privilegiou-se conversar com as lideranças e organizações de “maior prestígio” e que estão atuando há mais tempo.

Nesta pesquisa, quatro personagens serão ouvidos e estudados. São lideranças que possuem um trabalho reconhecido pela negritude da cidade. São elas:

- Cida Costa, 63 anos. Presidenta do Conselho de Segurança Pública da Zona Norte (CONSEG).
- Maria Luiza Alves dos Santos, 35 anos, mais conhecida como Luiza Alves. Ela é formada em pedagogia e atua enquanto coordenadora do Centro Cultural Quilombinho que é uma ONG que atende crianças e adolescentes com aulas de capoeira, pintura, maracatu, teatro, canto coral, reforço escolar e provendo alimentação para os mais pobres. Tudo com foco no resgate e manutenção das tradições africanas e afro-brasileiras.
- Jorge Santos, 36 anos, É presidente da UNEGRO Sorocaba e é também cabelereiro há 17 anos, sendo dono do salão Talento Afro. Segundo Jorge, a proposta da UNEGRO é de unir militantes do movimento negro para articular a luta contra o racismo, a luta de classes e combater as desigualdades de gênero.
- Zé Marcos, 48, presidente do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de Sorocaba.

Quanto às discussões feitas, em primeiro lugar, temos os **circuitos** desse movimento. Entende-se circuitos enquanto locais onde as pessoas transitam e com isso, compartilham valores, saberes e informações (MCADAM; TARROW; TILLY, 2009). Quando falamos do movimento negro de Sorocaba, esses locais de encontro e troca são as batalhas de hip-hop, bem como, a tradicional semana do hip-hop. Outro circuito é a feira crespá, que ocorre no centro da cidade, reunindo artistas, artesãos e coletivos. Nela, shows e apresentações são realizadas enquanto vendas de diversos produtos ocorrem. Os salões de cabelereiro também são pontos de referência, pois são pontos de encontro, reconhecimento, oportunidade de emprego e até de fazer artístico. Os bailes funks, que também foram examinados nesta pesquisa, são circuitos da juventude



negra e periférica, além de uma pauta local recorrente no noticiário. E por fim, o tradicional clube 28, onde ocorre premiações, festas e formações. Nessas ocasiões, pode-se encontrar a maior parte do conjunto do movimento negro na cidade, o que prova o reconhecimento e importância histórica do clube. Nesses circuitos, juventude negra e adultos engajados se encontram e circulam.

Em seguida, apresentamos as **redes**, pois, a atuação do conjunto do movimento negro envolve um reconhecimento mútuo das diversas partes que o integram. Esse reconhecimento deriva de uma observação da atuação dos atores em seus respectivos espaços e também de um contato em momentos de reivindicações, protestos e formulação de pautas (DIAS; BARBAI; DA COSTA; 2014). Em Sorocaba, pode-se ver parte desse movimento em conjunto nos atos do dia 20 de novembro, na feira crespa, na semana do hip-hop e na defesa dos recursos para o carnaval, por exemplo. Outro motivo que leva à conformação dessas redes é o entrelaçamento de pautas que são importantes para diferentes atores: a feira crespa é importante por divulgar e movimentar financeiramente coletivos, empreendedores e artistas negras, mas também importa para aqueles que defendem uma maior participação da prefeitura no apoio às iniciativas negras, já que festas de outras comunidades étnico-raciais possuem ampla divulgação e apoios financeiros e de logística, como a tradicional feira japonesa e a festa italiana. A partir das entrevistas foi apresentado um movimento que reconhece os seus pares, mas traz nas falas uma dificuldade muito grande em estar e realizar atividades em conjunto, exibindo uma certa fragmentação na prática política. Além disso, observa-se uma pulverização da luta, que acabou enfraquecendo estes

Essa rede possui muitos desafios individuais e coletivos que influenciam na boa atuação de seus membros. Estes desafios podem ser lidos enquanto obstáculos e dilemas e são alguns dos pontos que influenciam em um enfraquecimento das redes, das atuações coletivas e individuais. Em seguida, pretendo apresentar essas questões com um breve comentário do que foi discutido no texto final da pesquisa:

Obstáculos à atuação coletiva

Nas falas das entrevistas, o movimento negro na cidade está desorganizado. São convites para eventos sem presentes, demandas que tocam a negritude e que não recebem a devida atenção do conjunto do movimento, disputas internas entre os coletivos e atores, descontinuidades e perdas nas reivindicações, entre outros pontos levantados. A dificuldade em ser o movimento negro unificado é visto como uma questão significativa na realização do potencial de luta da negritude sorocabana.

Obstáculos financeiros

A questão financeira é possivelmente o maior desafio para o ativismo negro. Esse ponto é recorrente na fala dos militantes. Acredito que em todos os movimentos sociais o fator econômico é sinônimo de preocupação e atenção. No movimento negro, isso não seria diferente, pois também estamos falando sobre uma parcela da população que possui a menor renda e os piores empregos, afetando em muito suas possibilidades de engajamento. Em Sorocaba, esse obstáculo é citado como desagregador, pois, como diz Zé Marcos, “a minha necessidade de sobrevivência, ela ta acima da luta antirracista”. Anterior à problemática do engajamento, é preciso garantir a sobrevivência dos militantes, Com isso, nas falas, surgiram debates acerca do lugar do empreendedorismo nessas vidas, como alternativa, mas também resposta ao racismo. A dificuldade em estar empregado é um fator decisivo para uma busca do empreendedorismo, mas também do tráfico de drogas. Dentro disso, foi exposto a questão da vulnerabilidade à que jovens no tráfico são expostos e como salões de cabelereiro são alternativas crescentes, se relacionando à autoestima, reconhecimento e independência financeira. Outro ponto que surgiu com as entrevistas foi sobre o quanto o movimento negro é



dependente de auxílios, editais e demais apoios externos, tendo sua sobrevivência, em muito, dependente do dinheiro para poder realizar suas atividades

Dilema da relação com as instituições e partidos

Outra forte questão que aparece no movimento negro contemporâneo é a questão da disputa eleitoral e das relações com a institucionalidade. Temos aqui a observação da falta de representantes do movimento nos diferentes níveis do estado, o fortalecimento das noções de representatividade e a crítica à falta de espaço nos partidos de direita e de esquerda. A disputa pela efetivação e ampliação de pautas históricas do movimento negro como a das cotas, da revisão acerca da história e contribuição negra, bem como a necessidade de políticas públicas com um olhar racializado, evidenciam uma tônica presente nos discursos das lideranças políticas do movimento: a disputa pelo poder é central e ela perpassa a disputa das eleições. Além disso tudo, a partir das entrevistas temos exemplos individuais sobre como a relação com as instituições formais e a política representativa praticam o racismo estrutural, deixando marcas dolorosas e também evidências sobre a distância entre o movimento ou a negritude dos centros do poder.

Dilema sobre o lugar da cultura e dos debates interseccionais

Nas entrevistas, o lugar da cultura é visto como um dos “braços” do movimento negro na cidade. Entretanto, se difere de uma parcela mais política do movimento, representada por um ativismo em busca de políticas públicas em prol da negritude. Para alguns dos entrevistados, é preciso que essas duas vertentes do movimento também se unam em um prol de conquistas coletivas, pois, no momento, andam separadas e defendendo somente seus lados. Chama a atenção e incomoda, segundo algumas pessoas, o fato de festividades atraírem mais público, em contrapartida à encontros e reuniões, mesmo que pautando a questão do genocídio contra a população negra, por exemplo. Outra crítica apresentada à atenção dada à cultura negra e às questões relativas às identidades interseccionais, ou “identidades culturais” (como Cida Costa disse) é que este tem feito com que o movimento deixe de reivindicar questões materiais e econômicas, como o aumento salarial e do emprego. Essa atenção maior dada à pauta “culturalista” fez com que a atenção se dividisse, enfraquecendo espaços como conselhos e conquistas efetivas para o conjunto da negritude.

Dilema geracional

O entendimento sobre a juventude negra é imperativo. Seja pela visão da necessidade de oferecer um futuro à este grupo ou, por estes serem vítimas de um processo de genocídio. No que se refere às suas práticas e modos de ser, o que chama a atenção na cidade é a questão dos bailes funks. Na análise dos entrevistados, porém, os bailes funks são uma questão e a juventude negra, a que não está nessas festas, é outra. Isso porque os bailes representam uma situação mais delicada, literalmente de vida ou morte, de lazer e cultura. Por sua vez, a outra parte dessa juventude é mais discutida em suas possibilidades de atuação e protagonismo político. Nas falas, percebe-se um tom desolador em relação à essa última, seguindo uma ideia de que a juventude negra sorocabana - que em um passado recente estava nas ruas, nos movimentos sociais, estudantis e no movimento hip-hop - hoje saiu delas. E se permaneceu, está nos bailes, correndo riscos e provocando a ira de muitos moradores das periferias. O que se evidencia nas falas sobre a juventude, que passam sobre comentários acerca dos bailes funks, é a questão das faltas que esse grupo possui: falta de espaços lazer, de acesso à cultura, de educação e de emprego. Entende-se os bailes, por exemplo, não como necessariamente um problema, mas sim um sintoma e uma novidade que exemplifica a realidade do jovem negro periférico.



Resultados obtidos

Ao terminar as entrevistas, observei que de forma geral, o movimento negro em Sorocaba tem vivido um momento de tensão entre si. A grande dificuldade é em se mobilizar conjuntamente. Entretanto, um primeiro ponto que deve ser levado em conta é que, ainda assim, o movimento tem conseguido manter suas conquistas tais como a feira crespá, que reúne cerca de três mil pessoas anualmente; a tradicional semana do hip-hop, que é um encontro da periferia no centro; a sustentação do orçamento do carnaval e a semana de saúde da população negra. Ademais, hoje existe um envolvimento maior de lideranças na disputa eleitoral e uma certa estabilização de um ciclo de protestos, como o de 20 de novembro; em março e dezembro o ato pelas vidas negras (o primeiro, advindo da morte de Marielle Franco e o segundo da morte do rapper e locutor Dinho) e em julho o do dia da Mulher Negra, Latina e Caribenha. Além disso, as pautas da implementação da lei 10.639 no currículo escolar, o protocolo municipal de atendimento às vítimas de racismo e o programa municipal de saúde da população negra não morreram e estão sendo objetos de disputa pelo movimento. Outra potência desse movimento, na rua e na internet, é ver adolescentes e crianças expondo seus cabelos, desenvolvendo amor pela sua negritude e conhecendo sua história.

O que procurei trazer é um entendimento de que há uma identidade compartilhada entre esse movimento, mas que é pulverizada, fragmentada. Tem a sua força constituída tanto por organizações locais e também pelos novos desdobramentos nacionais e internacionais dessa luta. Isso é uma potência, agora, se será traduzido em conquistas efetivas no futuro, é preciso esperar e ver.

Desse modo, a pesquisa permite afirmar que no momento o movimento vive um acúmulo de perdas e dificuldades para se estruturar. Essas dificuldades são vivenciadas por outros movimentos sociais também e derivam de um desgaste das formas institucionais e tradicionais de participação, das necessidades impostas pelo capitalismo, de um embate entre antigas e novas gerações, da dificuldade em trazer as comunidades locais e de mudanças acerca dos paradigmas de identidade e raça em muito pelo crescimento do debate interseccional. O movimento negro a nível municipal tem como desafio conseguir se envolver nas lutas e debates nacionais, relacionando-os às reivindicações locais de modo a envolver a comunidade e o conjunto do movimento, procurando encontrar formas de engajar a juventude e também receber suas demandas. O contexto atual abre uma janela de oportunidades para expor as ideias, mas também fecha outras, exigindo a reinvenção de enquadramentos interpretativos (ALONSO, 2009), circuitos e redes pois como mostrou a pesquisa, neste momento histórico, estes ou estão se enfraquecendo ou nunca tiveram a força que se esperava.

Referências Bibliográficas

- **Alonso, Angela.** As Teorias Dos Movimentos Sociais: Um Balanço Do Debate. Lua Nova, São Paulo, N. 76, P. 49-86, 2009.
- **Dias, Cristiane; Barbai, Marco Aurélio; Da Costa, Graciely Cristina.** Movimentos Da Contemporaneidade: A Rua, As Redes E Seus Desencontros. Campinas: Rua/Labeurb, 2014.
- **Domingues, Petrônio.** "Movimento Negro Brasileiro: Alguns Apontamentos Históricos". Tempo, Vol. 12, No. 23, 2007, Pp. 100-12. Editorial Universidade Federal Fluminense.
- **Dos Passos, Joana; Nogueira, João.** Movimento Negro, Ação Política E As Transformações Sociais No Brasil Contemporâneo. Florianópolis Revista Política E Sociedade V.13. n. 28, 2014.
- **McAdam, Doug; Tarrow, Sidney; Tilly, Charles.** Para mapear o confronto político. Lua Nova, São Paulo, n. 76, p. 11-48, 2009.
- **Rios, Flávia.** Movimento negro brasileiro nas Ciências Sociais (1950-2000). Sociedade e Cultura, v. 12, n. 2, p. 263-274, 2010.